



Com Raoni no centro, encerramento do encontro de lideranças indígenas do Brasil às margens do rio Xingu, em Mato Grosso Bruno Santos/Folhapress

Indígenas afirmam temer genocídio e apoiam cacique atacado por Bolsonaro

Manifesto lido em encontro de etnias defende Raoni e rechaça projeto de mineração em terra protegida

Rubens Valente e Bruno Santos

TERRA INDÍGENA CAPOTO-JARINA (MT) Rodeado por caciques caiapós, Raoni estica a borduna na "casa dos guerreiros", uma construção de madeira com telhado de palha e chão batido na aldeia Piaracu, na Terra Indígena Capoto-Jarina, em Mato Grosso.

Ele discursa ao microfone: "Homem que se chama Bolsonaro, aproveita seu mandato porque minha luta é de uma vida inteira".

Nesta semana, o cacique reuniu por cinco dias cerca de 600 indígenas de 45 etnias diferentes na aldeia caiapó, perto do rio Xingu, para defender a união do movimento indígena contra as políticas de Bolsonaro.

Em manifesto lido nesta sexta-feira (17) ao final do evento, os indígenas afirmaram que está em curso "um projeto político do governo brasileiro de genocídio, etnocídio e ecocídio" e rechaçaram

projeto de lei formatado pelo governo para permitir mineração e outros empreendimentos mesmo sem a aprovação dos indígenas — o texto ainda será enviado ao Congresso Nacional.

O texto lido no encontro em Mato Grosso diz que o governo está atacando os indígenas, "querendo tirar a terra das nossas mãos".

"Nós não aceitamos garimpo, mineração e arrendamento em nossas terras, não aceitamos madeireiros, pescadores ilegais, hidrelétricas, somos contra tudo aquilo que destrói nossas florestas e nossos rios. Escrevemos esse documento como um grito, para que nós povos indígenas possamos ser escutados pelos três Poderes da República, pela sociedade e pela comunidade internacional", diz o manifesto lido no evento.

A versão final do documento estava sendo revisada pelos caciques na noite desta sexta e não havia sido divulgada até a publicação deste texto.

O encontro também foi uma demonstração de força de Raoni, várias vezes citado por lideranças jovens e idosas como o mais importante representante dos indígenas do país.

Bolsonaro afirmou que Raoni não representa os índios do país e passou a inflar outros nomes sem histórico no movimento indígena.

Ao mesmo tempo, o governo esvazia, segundo os índios, a saúde indígena e a Funai (Fundação Nacional do Índio).

Na aldeia Piaracu, as lideranças indígenas reunidas por Raoni — incluindo Sônia Guajajara, Célia Xakriabá e Alessandra Mundurukú — discutiram reação à política bolsonarista.

Coube ao sobrinho de Raoni, Megaron Txucarramãe, dar o tom dos próximos passos dos caiapós.

"Nós temos que reforçar, temos que impedir esse projeto [da mineração]. [...] Preparar flecha, vamos preparar por que ele [Bolsonaro] vai querer botar Força Nacional, vai querer botar Polícia Federal,

vai botar polícia para jogar pimenta na nossa cara. Mas temos que ir preparados".

O enáuené-nauê Kawailli Koll exortou a plateia: "Vamos nos preparar, vamos fazer flechas, bordunas. Bolsonaro acha que índio é criança".

Em uma entrevista a jornalistas, contudo, Raoni procurou abrandar o discurso.

"Esse encontro não é para planejar uma guerra, um conflito. Estamos aqui para defender nosso povo, nossa causa, nossa terra. Eu quero pedir mais uma vez que o 'homem branco' nos deixe viver em paz, sem conflito, sem problema. Eu nunca faria um encontro para atacar alguém. Estamos reunidos aqui para nos defender", disse o caiapó, em tradução de Megaron.

Na quarta (15), durante o encontro, Raoni anunciou uma aliança com o movimento extrativista do Acre, posando para imagens ao lado de uma das filhas do líder ambientalista Chico Mendes, assassinado em 1989, Angela



Homem que se chama Bolsonaro, aproveita seu mandato porque minha luta é de uma vida inteira

Raoni
líder indígena caiapó

Não aceitamos garimpo, mineração e madeireiros, pescadores ilegais, hidrelétricas, aquilo que destrói nossas florestas e nossos rios. Escrevemos este documento como um grito

Do manifesto lido no fim do encontro de etnias

Mendes, e de Sônia Guajajara, da coordenação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib).

Em oposição a Raoni, a presidência da Funai, ocupada hoje por um delegado da Polícia Federal, decidiu desprezar o evento, ao não enviar nenhum representante e depois dizer, numa rede social, que o encontro era uma iniciativa "totalmente privada", sem esclarecer que o governo comparece fóruns de agropecuaristas e industriais.

A Folha, Raoni disse que procurou pessoalmente, em Brasília, o órgão responsável pela política indígena: "Eu tentei falar com o presidente da Funai e, como era período de recesso, então eu não consegui e fui ter contato com o assessor substituto dele para que comparecesse aqui nesse evento. Mas até agora não tive resposta e não tive presença dele nesse evento".

Na lista dos problemas apontados pelos indígenas apareceu com destaque o risco de divisão do movimento indígena a partir da cooptação de lideranças pelo governo e por mineradoras, garimpeiros e arrendatários de terras indígenas.

"Infelizmente a gente sabe que tem muitas pessoas que se levantam se dizendo lideranças e que acabam se vendendo para o governo. [...] Ficam querendo desarticular todas as ações, toda a organização que esses líderes conquistaram durante todo esse tempo", disse o cacique caiapó Oro Mekragnotire, da Associação Florestas Protegidas.

Kaitulu Yawalapiti, presidente da Associação Yamarikumã das Mulheres Xinguanas, disse que é "bonito ver o discurso de união dos indígenas", mas pediu que seja colocado em prática.

"Ultimamente estou vendo muita desunião dos povos indígenas dentro e fora do Brasil. Hoje éramos para estar muito fortes, hoje temos os jovens esclarecidos. Por que estamos fracos, por que será?"

O cacique Bepdjá Kayapó, de São Félix do Xingu (PA), afirmou que cinco aldeias não quiseram enviar representantes ao encontro promovido por Raoni "porque estão mexendo com ouro, madeira. Eu fico triste. O dinheiro faz a cabeça das lideranças. Não podemos deixar o 'kubên' [não indígena] nos comprar. Precisamos nos unir nesse momento".

Outra preocupação levantada foi a degradação do atendimento à saúde indígena nas aldeias. Logo após a eleição de 2018, Cuba retirou seus médicos do interior do Brasil em resposta à escalada retórica de Bolsonaro contra o programa Mais Médicos.